

DIACRONIA

CONSIDERAÇÕES SOBRE FILOLOGIA E HISTÓRIA NAS PRIMEIRAS OBRAS DE FRIEDRICH NIETZSCHE

Luciana Fernandes Madeira (UFRJ)

Na segunda metade do século XIX, na Alemanha, a história desponta enquanto ciência e a busca pelas origens permeia diversas áreas do saber. Uma dessas buscas encontra sua identidade num ideal de Grécia Antiga, das belas e harmônicas formas elaboradas pelos gregos. Porém, a obra “*O Nascimento da Tragédia*”, de Friedrich Nietzsche, traz uma nova concepção do mundo grego, cujas imagens não seriam apenas um reflexo do deus da beleza das formas, Apolo, mas também do deus Dioniso, que religa o homem com a unidade primordial do mundo, através da embriaguez. A percepção desta dualidade colocada por Nietzsche suscita uma disputa teórica entre alguns filólogos não apenas pela proposição de uma Grécia apolíneo-dionísíaca, mas também pelo fato das duras críticas que Nietzsche elaborou em relação à filologia. Como filólogo, Nietzsche lecionou na Universidade da Basileia, entre 1869 e 1879 aproximadamente, anos em que ele redigiu “*O Nascimento da Tragédia*” e as “*Considerações Intempestivas*”, obras a partir das quais o presente trabalho foi elaborado.

O contato com algumas das críticas à obra de Nietzsche foi possível através da coletânea de artigos organizada pelo professor de filosofia da Universidade Federal do Rio de Janeiro, Roberto Machado. Intitulado “*Nietzsche e a polêmica sobre o Nascimento da Tragédia*”, o livro reúne alguns textos contemporâneos à publicação da obra “*O Nascimento da Tragédia*”, mostrando alguns aspectos que implicaram na aceitação ou não do estudo Nietzsche sobre a tragédia, no qual ele enfoca uma Grécia pré-socrática, a partir de um estudo estético e filosófico. Roberto Machado contribuiu ainda com uma reflexão sobre o pensamento trágico e suas vertentes mais relevantes desde Schiller até Nietzsche, defendendo que Nietzsche seria o ponto crucial da transformação de uma poética da tragédia de cunho aristotélico em uma filosofia do trágico. A tragédia teria deixado, com Nietzsche, de ser abordada prioritariamente em seus aspectos formais para ser concebida como uma questão de caráter ontológico.

Quando redige sua obra sobre a tragédia, Nietzsche encontra-se profundamente atrelado à filosofia de Arthur Schopenhauer e às cria-

Círculo Fluminense de Estudos Filológicos e Linguísticos

ções musicais e literárias de Richard Wagner. Admirado com a filosofia pessimista do primeiro – que concebe um mundo regido por uma vontade inexorável e inerente ao homem, dividido entre vontade e representação – e com a arte do segundo – que teria recuperado, segundo Nietzsche, a grande arte da Grécia através da música – Nietzsche mergulha na Grécia pré-socrática, especialmente atento às manifestações artísticas e de criatividade daquele povo, entre as quais estaria a criação dos deuses. Ele assevera que com Sócrates, o pensamento grego perde o seu vigor por conta da associação socrática entre a razão, a verdade e o bem, o que teria marcado a relação entre conhecimento e valor, formando dois tipos de homens distintos: o teórico e o trágico.

O deus da bela aparência e da individuação, Apolo, e o deus do vinho, do êxtase e da dissolução da individualidade, Dioniso, foram considerados complementares e indicativos de um comportamento específico grego para Nietzsche, conforme veremos adiante. A retomada da tragédia grega a partir da associação entre esses deuses foi motivo de apreço incondicional, por parte de alguns – entre eles o historiador da Basiléia Jacob Burckhardt – e mote para aqueles que viam na sua obra uma afronta aos estudos clássicos. Nós nos debruçaremos sobre as críticas recebidas, no intuito de compreender as dissidências intelectuais deflagradas nesses discursos.

Pensar o helenismo associado ao pessimismo não é a única fonte das críticas à obra de Nietzsche, apesar da idéia parecer estranha o suficiente para os filólogos mais tradicionais. A escrita literária, metafórica e aforística de Nietzsche, repleta de caracteres de oralidade, de estabelecimento de diálogos com o leitor, de críticas contundentes contra os estudiosos do seu tempo, com trechos de grande entusiasmo, configuram uma escrita bastante estranha ao mundo acadêmico. Entre os seus críticos mais contundentes estava o filólogo Wilamowitz-Möllendorff, que havia estudado com Nietzsche na juventude.

Wilamowitz faz uma defesa apaixonada e veemente da sua prática filológica, admitindo ser um homem socrático, se isso significasse dizer que ele busca a verdade e os fundamentos científicos históricos e filológicos em seus estudos. Em sua reação à obra de Nietzsche, ele acusa o ex-colega de classe de violação da realidade histórica e falta de amor à verdade. Em sua opinião, Nietzsche nada conhecia sobre o mundo helênico. Wilamowitz se refere à Nietzsche da seguinte maneira:

DIACRONIA

Pois, se [Nietzsche] conhecesse [o mundo helênico], como poderia atribuir ao mundo homérico pleno de juventude, jubiloso na exuberância do delicioso prazer de viver, uma sensibilidade pessimista, uma aspiração senil pelo não-ser, uma auto-ilusão consciente? (...) E quais são suas *provas do sofrimento* [grifo meu] que, naquela época, os gregos, crianças eternas que se alegravam de modo inofensivo e inconsciente com a bela luz, devem ter experimentado, ou melhor, devem ter desfrutado, com uma volúpia impotente? (Machado, 2005, p. 62)

As filiações teóricas de Nietzsche ao filósofo Arthur Schopenhauer e ao músico Richard Wagner alimentaram ainda mais as críticas e dificultaram uma recepção menos acirrada de suas reflexões.

Na obra “*O Nascimento da Tragédia*”, Nietzsche pretendia realizar não um estudo estritamente filológico, mas sim, um estudo estético-filosófico da Antiguidade Grega. Filologia e história estavam atrelados em seus interesses científicos de retomar o passado através do documento escrito, que emergia com força total no século XIX como fonte da verdade sobre o passado. O escrito e a palavra adquiriam outro sentido para Nietzsche, uma vez que através delas seria possível perscrutar a capacidade criativa dos homens, no caso, o povo grego, não representando diretamente a possibilidade de chegar à verdade – mesmo porque, para o autor, a verdade é uma questão filosófica.

A escrita parecia aos olhos do filólogo insatisfeito a senhora de seus leitores oitocentistas: a relação com a palavra como depositária da prova e da verdade, uma relação bastante próxima àquela estabelecida pelos estudos teológicos, ainda muito fortes na Alemanha nesse período e parte da formação de muitos intelectuais da época, inclusive o próprio Nietzsche. Assim, o domínio do passado através da palavra escrita traria em si mesmo uma pretensão de verdade. Neste período a história de institucionaliza, havendo então a necessidade de definição de parâmetros, o que leva ao desenvolvimento da noção de uma metodologia crítica para a história e denota a crescente relevância do documento histórico. Nietzsche – partilhando os interesses com seu colega da Universidade da Basiléia, o já citado historiador Jacob Burckhardt – chamava a atenção para a necessidade de recuperação do passado por meio da experiência estética, uma experiência que tornasse vigorosa e útil a ação no presente.

A necessidade de uma compreensão exata das fontes antigas e a utilização do método crítico como a maneira de desvelar a verdade e a imparcialidade dos fatos eram pontos comuns entre a filologia e histó-

Círculo Fluminense de Estudos Filológicos e Linguísticos

ria, áreas do saber ainda não completamente delimitadas no período. Decorre desta aproximação entre filologia e história a caracterização nietzscheana dos historiadores como “antiquários”, homens tão dedicados aos detalhes de um texto e à conferência da verossimilhança, que acabavam por considerar verdadeiro e legítimo apenas o passado, esta substância imaterial transformada em concretude através do texto. A valorização das minúcias na exegese era combatida por Nietzsche, seja pelo fato desta prática ser utilizada como critério de erudição e distinção social, seja por afastar, segundo ele, o estudioso de sua realidade, levando a um esquecimento do homem enquanto sujeito.

Dedicado à pensar a cultura e os valores de seu tempo e desejo de elaborar um estudo de caráter filosófico, Nietzsche formula um dos argumentos centrais da obra “*O Nascimento da Tragédia*”: os gregos seriam um povo de sensibilidade extrema e em profundo contato com o sofrimento. A criação dos deuses olímpicos teria sido a maneira de mascarar, através da bela aparência, a essência dolorosa e cruel do mundo. Em outras palavras, a divinização grega não implicaria hierarquia e moralidade, mas sim, um embelezamento da dor. A experiência do culto bárbaro dionisíaco seria destruidora desta ilusão criada pelos gregos e apenas a arte teria a capacidade de integrar e transformar o elemento dionisíaco, aliviando sua força destruidora e gerando a arte apolíneo-dionisíaca, possuidora de um efeito terapêutico. Em suas cartas, Nietzsche constantemente evoca a arte como refúgio, como neste trecho da missiva enviada ao seu ex-colega de estudo Paul Deussen: “*O nosso destino [referindo-se aos homens de sabedoria] é a solidão espiritual e, às vezes, uma conversa com os que estão de acordo conosco. Mais do que ninguém, necessitamos dos consolos da arte*” (Nietzsche, 1944, p. 98)

Uma das críticas mais recorrentes de Nietzsche era a separação entre o intelectual e seu objeto de estudo, justamente a distância pregada pelos parâmetros científicos modernos e seguida por grande parte dos filólogos e historiadores. Para Nietzsche, pôr em risco a proximidade e a identificação entre o sujeito e o objeto significaria comprometer a possibilidade de transformação do presente. A ação do homem no tempo presente era de fundamental importância para Nietzsche, como forma de renovação da cultura.

Os pressupostos filológicos e históricos já não se mostravam compatíveis com os argumentos nietzscheanos. Diante das exigências

DIACRONIA

de verdade e imparcialidade obedecidas pela filologia e pela história oitocentistas, Nietzsche entendia que não haveria possibilidade de atualizar a beleza do mundo grego através de uma forma de recordá-lo que não fosse condizente com tal característica. Assim, ele percebia um impedimento teórico na propagação da estética grega através do método crítico das fontes que vigorava entre seus contemporâneos. A relação entre filologia, história e uma pretensão de verdade calcada no método crítico ficam evidentes nas palavras do Prof. Ricardo Benzaquém, em seu artigo *Ronda Noturna: narrativa, crítica e verdade em Capistrano de Abreu*:

Tais exigências de imparcialidade e de objetividade, por sua vez, levaram a concepção moderna de história a incorporar, a partir do final do século XVIII, toda uma série de procedimentos críticos, em constante intercâmbio com a filologia (cf. Cassirer, 1948). Esses procedimentos, pelo menos em princípio, seriam capazes de determinar a ‘verdade dos fatos’ com a mais infinita precisão, analisando documentos, confrontando testemunhos, estabelecendo, enfim, quais textos eram ou não confiáveis para se conseguir uma visão realista do passado. (Benzaquen, 1988, p. 30).

As críticas de Nietzsche à história são comumente entendidas como uma defesa da a-historicidade ou como uma total falta de necessidade da história. Muito pelo contrário, Nietzsche considerava a história extremamente importante, desde que se desvelasse dos interesses do Estado e fosse realmente útil ao homem, impulsionando sua ação no presente. Neste sentido, é possível compreendermos melhor a sua crítica à filologia, já que sua estrita fixação no texto não permitiria a expansão do homem e o desenvolvimento de suas potências criativas. O estudo da história de acordo com Nietzsche deve ser tido como expansão e como ação no mundo, acompanhado da tentativa de captar o “espírito” do passado e da reflexão do tempo presente: era urgente pensar a cultura de seu tempo, pela ruína em que ela se apresentava aos seus olhos. Seria pertinente abordar o tema da crise da cultura, porém, não o faremos diretamente neste momento. Passamos a questões mais específicas sobre a história.

Nietzsche escreveu quatro textos, entre 1872-1874, chamados de Considerações Intempestivas, entre elas a Segunda Consideração Intempestiva intitulada “Da utilidade e desvantagem da História para a vida”.

Neste texto, o autor estabelece três tipos de história, que podem impulsionar ou solapar a criatividade do homem: a história monumen-

Círculo Fluminense de Estudos Filológicos e Linguísticos

tal, a história antiquária e a história crítica. A consideração monumental do passado seria útil à vida na medida em que o homem pudesse deduzir, a partir dela, que se houve um tempo em que a grandeza foi possível, esta possibilidade existe também no presente: sua busca de auto-superação será, desta forma, conduzida com mais coragem, afastando a sensação de um querer impossível. Na insistência de Nietzsche em seu elogio a tragicidade e à criatividade dos gregos, perpassa esta noção de monumentalidade que um dia pode vir a acontecer novamente, quando os instintos forem recobrados como tão necessários quanto a ordem. A utilidade da história antiquária está em sua capacidade de preservar as condições nas quais foi possível existir o monumental. O homem antiquário não deixa sucumbir o senso de enraizamento necessário com tudo o que já existiu. A história crítica serviria à vida para dar cabo a um passado sufocante, que impedisse a fruição da vida, isto é, neste modo crítico estaria a força que impele ao esquecimento.

Contudo, um excesso de história monumental pode fazer com que se admire excessivamente, por meio de uma ilusão, os feitos passados, fazendo com que a cultura passada suplantasse a cultura presente, bem como a história antiquária, em desmedida, pode fazer o homem perder o gosto pelo presente, e se deixar valorizar apenas em função não apenas de um passado, mas de todo e qualquer passado preservado; também a história crítica em demasia é capaz de aniquilar o passado, e com ele as realizações monumentais e as raízes necessárias para um povo, uma civilização e um homem.

Ao relacionar esses tipos de história – monumental, antiquária e crítica – à relações determinadas entre passado, presente e futuro, Nietzsche defende um concepção específica do homem diante do tempo e da memória. Em sua obra “Cinco Prefácios para cinco livros não escritos”, a glória e a individualidade são pensados como os mediadores do homem no tempo.

Um dos textos reunidos no livro acima citado, intitulado “*Sobre o pathos da verdade*”, evidencia a íntima relação entre a glória e a memória, tendo em vista a condição solitária do filósofo. Esses três elementos, solidão, glória e memória, são associados para uma reflexão sobre a cultura empreendida por Nietzsche e nos permitem compreender melhor diversas de suas críticas acerca da democratização do que deve ser lembrado, da acessibilidade ao que se tornará memória e da

DIACRONIA

glorificação indiscriminada e efêmera de todo e qualquer passado. Não é difícil inferir que essas críticas estão ligadas à sociedade de massas e à modernidade, que trazem uma concepção moralmente negativa da solidão. O passado grego passa a ser, nesse sentido, uma fonte para reação ao mundo moderno, em especial a apologia do *agon* e da individualidade gregos, conceitos bem delineados pelo filósofo Roberto Machado:

...o agon é o combate individual que dá brilho à existência, tornando a vida do indivíduo digna de ser vivida não pela busca da felicidade, como acontecerá a partir de Sócrates, mas pela busca do *kleos*, da glória. Nas ações heróicas do indivíduo que conquista a glória, a vida atinge a perfeição. (Machado, 2006, p. 204).

Fica claro na citação acima que a glória não é um bem a ser ofertado, mas sim, uma recompensa conquistada pelo herói, devido à superação da morte em seu penoso caminho. Pensando analogamente o filósofo e o herói, por serem homens que sentem mais intensamente o peso deste combate e sobrevivem à ele, Nietzsche assevera: “*Sua ação não se volta para um ‘público’, para o aplauso das massas e o aplauso aclamador dos contemporâneos; pertencem à sua essência os passos solitários pela estrada.*” (Nietzsche, 1996, p. 18). A solidão é a condição e a essência daquele que contém a verdade – o filósofo – pois a verdade não está nos outros homens, mas em si mesmo, razão pela qual a relação do portador da verdade com o mundo é de desdém: o mundo precisa dele, e a recíproca não é verdadeira.

Rememorando o filósofo Heráclito, por quem tinha especial apreço, Nietzsche observa que a grandeza de um homem reside em sua capacidade de perscrutar uma situação aparentemente banal ao resto dos homens e dela inferir seu conhecimento, que não é senão a verdade: “*Pois o mundo precisa eternamente da verdade, e, assim, precisa eternamente de Heráclito, embora ele não careça do mundo. O que lhe importa a sua glória!*” (*idem*, p. 22). Podemos inferir que o deleite da glória é a forma encontrada pelos homens comuns de externar sua reverência e sua admiração para aquele que possui um conjunto de valores e experiências que constituirão a lembrança e o exemplo.

No caso dos heróis gregos, os poetas e aedos cantarão seus feitos, atualizando a experiência louvável através da palavra cantada. Contudo, a referida atualização não teria uma obrigação de fidelidade com a experiência. Sobre isso nos fala o historiador contemporâneo e amigo de Nietzsche, Jacob Burckhardt, na obra *Historia de la Cultura Griega*:

Círculo Fluminense de Estudos Filológicos e Linguísticos

“Sería completamente erróneo suponer que con esse propósito firme de unir el presente con el más remoto pasado debió de prosperar el conocimiento exacto de este último” (Burckhardt, 1953, p. 54). Nesta perspectiva, os gregos seriam dotados de faculdades extraordinárias de força e de afirmação para a transformação do audível, assimilando e adentrando constantemente o relato, sem uma pretensão de verdade. A dose de realidade que se mantinha nas narrativas era (re)elaborada miticamente e mesmo o aspecto histórico foi submetido às leis de uma prolongada tradição oral e poética, criando um espaço comum e indistinto para o fabuloso e o fidedigno, bastante diverso do que defendiam a maior parte dos filólogos e historiadores.

Logo, a concepção Nietzscheana de filologia e história, está atrelada à crítica da cultura moderna e aos postulados científicos que essas disciplinas traziam consigo. O postulado nietzscheano sobre a necessidade de conhecer a si mesmo, no prólogo da obra “*Genealogia da Moral: uma Polêmica*”, afirma que aqueles que se consideram homens do conhecimento são, na realidade, homens do desconhecimento, pois são os maiores desconhecedores de si. Nesta perspectiva, o passado não deve ser um estudo histórico-filológico em si e para si: o resgate do passado, deve permitir ao homem uma experiência estética exemplar, colocando-o em contato com uma grandeza que, para Nietzsche, não é cultivada no mundo moderno.

BIBLIOGRAFIA

BENZAQUÉM, Ricardo. *Ronda Noturna: narrativa, crítica e verdade em Capistrano de Abreu*. In: Estudos Históricos, Rio de Janeiro. N. 1. 1988, p. 28-54.

BURCKHARDT, Jacob. *Historia de la Cultura Griega*. Tradução de Eugenio Imaz. Barcelona: Ibéria, 1953.

MACHADO, Roberto. *Nietzsche e a polêmica sobre o Nascimento da Tragédia*/textos de Rohde, Wagner e Wilamowitz-Möllendorff; Introdução e organização Roberto Machado; Tradução do alemão e notas Pedro Sússekkin. – Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2005.

MACHADO, Roberto. *O Nascimento do Trágico: de Schiller a Nietzsche*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2006.

DIACRONIA

NIETZSCHE, Friedrich. *Considerações Intempestivas*. Obras Incompletas; Seleção de textos de Gérard Lebrun; tradução e notas de Rubens R. Torres Filho; pós-fácio de Antônio Cândido de Mello e Souza. – 2ª ed. – São Paulo: Abril Cultural, 1978. Coleção Os Pensadores.

NIETZSCHE, Friedrich. *Despojos de uma tragédia. Correspondência inédita*. Tradução e notas de Ferreira da Costa. Porto: Educação Nacional, 1944.

NIETZSCHE, Friedrich. *Genealogia da Moral: uma Polêmica*. Tradução, notas e pós-fácio de Paulo César de Souza. São Paulo: Cia. das Letras, 1998.

NIETZSCHE, Friedrich. Sobre o *pathos* da verdade. **In:** *Cinco Prefácios para cinco livros não escritos*. Tradução de Pedro Süsskind. Rio de Janeiro: Sette Letras, 1996.